

# O SEXO FEMININO

SEMANARIO LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO

ESPECIALMENTE DEDICADO AOS INTERESSES DA MULHER

Redactora e proprietaria—D. Francisca Senhorinha da Motta Diniz  
COLLABORADORAS — SUAS FILHAS E DIVERSAS SENHORAS

Redacção — Rua do Lavradio n. 101

Assignatura para a côrte		E' pelo intermedio da mulher que a natureza escreve no coração do homem. AIME' MARTIN.	Assignatura para as provincias	
Por anno.....	10\$000		Por anno.....	12\$000
Por semestre.....	5\$000		Por semestre.....	6\$000
Por trimestre.....	3\$000		Por trimestre.....	3\$500
Por mez.....	1\$000			

Anno III

Rio de Janeiro, 31 de Julho de 1889

N. 7

## O SEXO FEMININO

Rio de Janeiro, 31 de Julho de 1889

### A racional emancipação da mulher

Basta enunciar esta idéa—*Emancipação da mulher*, para sentirmos com evidencia o movimento de descrença que ella produz em geral nos animos. Pedimos pois aos nossos amaveis leitores e leitoras que de nenhum modo dêem credito as palavras de sarcasmo e interpretações erradas, sempre perigosas em materias taes; firmamos uma vez por todas o sentido que damos a palavra idéa—*Emancipação da mulher*. Não é nossa intenção concitar nossas conterraneas á anarchia, não. Apon-tando o que Deus fez pela mulher, a missão de que a incumbiu, faremos vêr o que elle quer que façamos em beneficio do genero humano. Estudar a natureza, é por consequencia procurar conhecer a vontade de Deus em um livro escripto pelas suas proprias mãos.

A lei natural para a humanidade, é a harmonia do physico com o moral; o intellectual com o espiritual, e não o triumpho isolado de uma parte d'essa mesma humanidade, da qual faz parte o

homem, legislando sentenças em favor de seus direitos despoticos... Nenhuma formula dada pela lei humana fará tornar a natureza separada das necessidades communs á ambos os sexos; logo, tornar a mulher um ente passivo, dependente absoluto da vontade do homem é tornal-a incompleta, é aviltal-a e offender a sua dignidade de ser creado por Deus!!

Assim sendo, vemos que tudo que offende a dignidade, a igualdade, a moralidade de nossas acções, offende a lei natural.

Este livro universal, onde estão escriptas todas as verdades, está aberto a todas as creaturas e foi copiado de um manuscrito bem velho—O universo, é a natureza das cousas e do espirito humano, como diz Bacon. O abuso das faculdades não é da lei natural, porque estas leis sempre que as fazemos contrariar a nosso bel-prazer, encontramos a am argura, os desgostos, as desordens de nossa alma.

Os males physicos nos advertem bem de que quando violamol-as o nosso corpo sente.

N'este immenso todo, chamado mundo, a mulher apparece como o fim da criação e em cada estudo que fazemos das qualidades moraes vimos que não são estas verdades provadas pelo testemunho dos homens, mas sim verdades apoiadas e

## Folhetim

### A DIVA ISABELLA

ROMANCE ORIGINAL

POR

D. ELISA DINIZ MACHADO COELHO

V

OS DOIS

Era noite.

Solieff e Frinkell dirigiam-se conversando amigavelmente para um dos melhores hotéis de S. Petersburgo.

Os dois entraram, e depois de beberem uma garrafa de vinho finissimo, penetraram n'um gabinete particular.

Frinkell deu-se pressa em trancar a porta, enquanto Solieff despejava sobre a mesa as moedas de ouro que trazia nos bolsos.

— Oh! magnifica idéa foi a nossa, disse Frinkell.

— O companheiro não respondeu.

Estava por demais entretido em amontoar os ducados, em pilhas iguaes.

Frinkell chegou-se a elle.

— Aqui tens o teu quinhão; rompeu afinal Solieff, entre-

gando metade das moedas ao companheiro; e accrescentou:

— Bem vêes que sou de consciencia, pois que te dou metade da quantia, a ti que nada arriscaste...

— Alto lá! atalhou Frinkell, si não fosse eu hoje não terias ceitil na algibeira... e ainda julgas que tem mais direito?!

— Não fazemos questão, replicou Solieff; não vêes que parti ao meio a bolada?

Frinkell olhou desconfiado para o cumplice.

— A metade! quanto ha aqui?

E assi fallando, Frinkell contava as moedas que Solieff lhe entregara.

— Quinze ducados! exclamou, empallidecendo de despeito.

— Sim, veja, aqui estão os outros quinze, que são os meus.

— Quinze! resmungou colerico Frinkell; então não encontraste todo o rolo?

— Oh! bem podes vêr que não tive tempo de occultar algumas moedas, e nem logar para isso! O que achei ahí está.

— Mentis! gritou Frinkell; vi perfeitamente o cabelleiro entregar á italiana cincoenta ducados. Sim, ouvi mesmo elle repetir quanto dera, depois que a mulher sahio.

— O cossaco tomou uma attitude indignada.

— Não pensas que a mulher podia ter gasto alguns ducados? esqueces-te mesmo de que ella fez varias compras antes de voltar a casa? Decididamente queres rixar comigo.

affirmadas pelo pensamento de DEUS, expresso e proclamado nas leis naturaes,

A mulher é a interprete divina do amor de DEUS em suas mais variadas irradiações; pela delicadeza de seu coração sabe multiplicar as esmolas; sabe tornar proprias as dores alheias; sabe attrahir a confiança dos que soffrem; chora sinceramente com elles e chega a consolal-os. Como filha, cerca de respeito e affagos seus pais decrepitos; sabe reanimat-os no desanimo e acalental-os no desalento.

O amor maternal na mulher é um sentimento inimitavel; o fim com que uma mãe ama a gloria de seu filho; a sagacidade com que ella prepara-lhe o espirito para a gloria é immensa. Confrontando as qualidades do homem comparadas com a do sexo feminino, vemos que na mulher predominam as graças, a delicadeza, a belleza, a abnegação, a caridade, o affecto, a energia, a sinceridade e o amor.

No homem, a força, a robustez, a autoocracia e o egoismo.

O homem tem dez olhares, a mulher tem cem, o homem tem um sorriso, a mulher tem mil.

O homem falla eloquentemente, a mulher ternamente, fazendo reproduzir nos seus echos as vibrações de seu coração, e o sentimento de seu divino amor.

Salomão quando quiz pintar a prosperidade de uma casa, disse que não attribuia ella aos trabalhos do homem e sim á influencia da mulher.

A' mulher attribue elle todos os favores da fortuna, diz que ella com a prudencia faz honrar seu marido; mostra-a velando pelos passos dos seus; a indulgencia tem assento nos seus labios, e nunca se lhe vê comer o seu pão na ociosidade; d'est'arte os seus servidores a respeitam e a bem-dizem os desventurados.

Quando apparece revestida de força moral e de belleza, os filhos se levantam e lhe chamam bem-aventurada; e o bom marido, juntando os seus

louvores aos d'elles, lhe diz: «Muitas mulheres enriquecem a familia, mas vós as excedeis, pela ordem, e pelo arranjo que reinam em vossa casa. Eis aqui o que diz Solomão!

Eis aqui os sentimentos que devemos inocular no sangue de nossos filhos, com o nosso proprio leite, afim de fazer apparecer em relevo o aperfeiçoamento moral e a civilisação da humanidade.

Amor

Não está decidido que as mulheres amam mais do que os homens; mas é incontestavel que ellas sabem amar melhor.

Não é muito raro ver mulheres moças ternamente affeioadas a homens já velhos, e amal-os verdadeiramente; só se conhece Ninon de Lenclos, que, n'uma idade já avançada tornou um moço enamorado d'ella.

As mulheres amam com o coração, os homens com os sentidos.

Os homens de bem amam as mulheres, aquelles que as enganam adoram-nas.

Os homens são governados pelos seus sentidos, antes de conhecerem o seu coração; mas a maior parte tem necessidade de amar, e seriam raramente seduzidos pelos prazeres, se não fossem arrastados pelo exemplo.

A mulher que mais amamos é muitas vezes aquella a quem menos devemos.

Quem ama todas as mulheres não é digno de amar uma.

A jovem que começa a experimentar a necessidade do amor, procura occultal-o; mas o desejo de agradar trahe o segredo de seu coração, e algumas vezes revela as suas esperanças.

Emquanto amamos uma mulher, fallamos muito d'ella; quando não a amamos mais, fallamos muito de nós.

Estamos sempre dispostos a achar mais bella a mulher que mais amamos.

--- Sim, ella despendeu ao todo uns oito ou dez florins, sei-o eu, replicou Frinkell. D'ahi para a quantia que falta... explica-te.

--- Vou fazel-o: achei sómente trinta ducados, dou-te quinze, não está clara a questão?

--- Juras que é verdade?

Por Cottyto, e pelos baptes!

--- Ah! Ah! disse Frinkell rindo-se, não podes fazer outro juramento?

--- Bem vês que não; visto sermos o que somos, isto é...

--- Basta disse Frinkell.

E pensou:

Veremos se fallas a verdade, meu velho.

E' questão de algumas garrafas de vinho.

Solieff ouvindo sorriu-se e abraçou Frinkell.

--- Vamos ceiar e depois ao ECARTE', camarada! hoje estamos millionarios!

--- Para quem nada possuia, esta quantia vale um milhão! respondeu Frinkell.

E correu a chamar o criado.

Este appareceu de prompto.

Frinkell escreveu algumas palavras n'um cartão, e entregou-o ao criado:

--- Mande levar isto ao *kabak* intitulado "Cyprina"; sabes onde é?

--- Uma taverna que vende QUASS (licor russo) não é? inquiriu o servente,

--- Sim, o cartão é para ser entregue á dona no *kabak*; vai, disse o bandido Frinkell.

--- Espere, aqui tem a lista, freguezes, escolha, tornou o criado, entregando uma folha escripta a Frinkell.

O *quasso* acceitou-a e poz-se a ler.

Solieff inclinou-se para a lista e disse:

--- Traga-nos faisão assado para quatro, e seis garrafas de Joannisberg e pão alvo.

--- Sim, freguez, respondeu o criado, deixando-os.

--- O vinho já! gritou Frinkell á porta.

O criado voltou pouco depois e collocou as garrafas e copos sobre a mesa.

Frinkell, que tencionava embriagar o cossaco, apressou-se em encher os copos.

--- A' nossa saude, camarada!

Solieff, amigo dedicadissimo do succo da vinha, não se fez de rogado!

--- Morra a italiana, e viva nós! disse elle, tocando o seu copo no de Frinkell.

--- Mais um copo? inquiriu este.

--- Vál respondeu Solieff, que não desconfiava da intenção do companheiro.

Com immensa rapidez, Frinkell encheu de novo o seu copo que ficara na metade, e o de Solieff, completamente vasio.